

AMALIO DA SILVA -

~~ADVOGADO, JORNALISTA, E PROFESSOR~~

~~BRIGA POR CAUSA DE PONTUAÇÃO :~~

~~-"FALE, MAS NÃO CUSTA"!~~

No número comemorativo dos seus cinquenta anos de vida ativa, evocou o "Correio da Manhã" os nomes dos seus redatores e diretores e das grandes figuras de jornalistas, polemistas ou não, que tem passado pelo jornal. A enumeração é extensa e, ao lado dos dois primeiros e maiores, como Edmundo Bitencourt e Leão Veloso (Gil Vidal) aparecem outros de projeção igualmente brilhante e valorosa em tantos episódios da vida brasileira, como Gastão Bousquet, Vicente Piragibe, Itiberê da Cunha, Moniz Sodré e Amalio da Silva, que acumularam no jornal atividades de redatores e diretores. Na fileira dos redatores surgem nomes que se colocaram entre os maiores da imprensa do nosso país - e nesse bloco vem Costa Rego, verdadeiro liame entre o passado, vibrante e algumas vezes tão tempestuoso e destemperado do jornal, e o presente em que, sem quebrar a linha dominante da defesa das liberdades públicas, tem dado feição mais atenuada às suas campanhas, às suas críticas e a algumas das suas demolidoras investidas.

A história da vida brasileira nesta primeira metade do século, não poderá prescindir, no futuro, de uma leitura acurada do jornal fundado por Edmundo Bitencourt, dos seus movimentos e das agitações que provocou - algumas delas de consequências amplas e graves. É com essas contribuições que se escreve a história, recolhendo dos artigos de fundo, das notas e tópicos, do noticiário em que a malícia sai às vezes

tão bem dosada, e até dos anuncios ou das crônicas sociais, um material variado e profuso para dele extrair os dados que explicam uma crise política ou esclarecem cabalmente uma atropelada convulsão política.

Entre os nomes apontados está o de Amálio da Silva, companheiro de infância de Edmundo Bitencourt, seu coestaduanu e, afinal, íntimo da vida do jornal, como colaborador efêmero, embora em situação e com as galas de redator honorário e, durante certo tempo, diretor, na ausência do velho companheiro. Faço um saudoso regresso à primeira fase da minha juventude ao relembrar a figura desse jornalista e advogado, muito mais advogado do que jornalista, e destacar na sua personalidade o feitio que mais fundamente a acentuou, o do ímpeto dos seus movimentos e da permanente vibração da sua atividade. O dr. Amálio, como esses homens de temperamento explosivo, que não refreiam os primeiros gestos quando "se esquentava" num debate oral que desandava em altercação, perdia o auto-domínio e descambava para a diatribe e, às vezes, para o pugilato. Passada a refrega, e reexaminando os motivos do desconchavo, caía em si, isto é, dobrava-se sobre a própria consciência e não hesitava em ir procurar o adversário atingido para com ele se reconciliar. Sei disso por alguns fatos que se passaram em Campinas, quando ele ali residiu, entre 1902 e 1905, vindo do Amparo, onde lidara nalguns pleitos valiosos, no fóro civil e criminal, também ocupado em lecionar no "Colégio Carlos Ferreira", seu coestaduanu, o poeta das "Rosas Loucas", antigo companheiro de Quirino dos Santos, Rangel Pestana e José Maria Lisboa na primitiva "Gazeta de Campinas",

Edmundo Bitencourt também residiu no Amparo e acredito que, tanto ele, como Amálio da Silva, para lá te-

nham ido a convite ou conselho de Carlos Ferreira. Mas o fóro amparense já tinha os advogados de clientela certa e esta não costuma deslocar-se de escritórios: para os adventícios só ficavam as sobras e estas não asseguravam grandes proventos. O colégio de Carlos Ferreira ia também em declínio, como o conspícuo fundador e essas circunstâncias determinaram a saída de Edmundo Bitencourt para o Rio e de Amálio da Silva, logo após, para Campinas. Em Campinas formou ele, desde que ali se instalou, no grupo de dois contemporâneos de Academia, César Bierrenbach, da turma de 1892 e Abílio Álvaro Miller, da de 1896. A turma de Amálio da Silva era a de 1894, da qual fizeram parte, entre nomes grandes e pequenos, Paulo de Lacerda, Domingos Licínio Ferraz, Artur César da Silva Whitacker, Urias de Melo Botelho, Antônio de Godói Moreira e Costa, Alberto Vieira de Carvalho, Alberto Penteado, Francisco de Paula Felicíssimo, Pedro Alves Correia do Amaral, Pedro Augusto Cleto, Augusto da Costa Guimarães (filho do comendador Zeferino Guimarães e advogado no Amparo) e Paulo de Almeida Nogueira que é um dos poucos sobreviventes daquela turma.

Contemporâneos do seu curso acadêmico, embora formados em anos diversos, já advogavam em Campinas Alberto Sarmiento, Antônio Rodrigues de Melo e Paulo Álvares Lobo, sem contar Bierrenbach e Álvaro Miller. Reunindo-se aos dois últimos. Amálio foi dos grandes colaboradores do "Centro de Ciências, Letras e Artes", ali fundado em 1901 pelo trabalho de Bierrenbach e Coelho Neto e entrou a formar no bloco cognominado a "família do Centro", da qual faziam parte esses consócios e fundadores e outros escritores, jornalistas e estudiosos como José de Campos Novais, Henrique de Barcelos, Ezequiel Cândido de Sousa Brito, o octogenário Francisco de Assis Vieira Bueno

e o historiador de fastos campineiros, sobrevivente dessa falange, que é Rafael de Andrade Duarte. O bloco do Centro, que se expandia para o jornal de Henrique de Barcelos, "Comércio de Campinas", andava quase sempre em contraposição ao bloco da "Cidade de Campinas", formado pelos Lobos (Antônio, José e Paulo), e pelos redatores, colaboradores ou assíduos frequentadores da redação - Alberto Faria, Benedito Otávio, Basílio de Magalhães, Leopoldo Amaral, Laurival de Queirós, mais tarde acrescido de Raul Soares e Filipe Gonçalves. Essa formação em blocos diferentes, que a vida de cidades do interior converte em blocos isolados, quando não hostis, atirou Amálio da Silva para o "Comércio" e alguma coisa que ali saía impressa passou a ser-lhe atribuída, pelo estilo, pelo tom, pelos fundamentos.

Amálio tinha umas belas e espessas barbas negras e bem tratadas que lhe davam à fisionomia ares nazarenos. A fisionomia, com aquela guarnição capilar, impunha acatamento. Abundavam os bigodes em velhos e moços, mas barbados eram pouquíssimos.

Dos juizes, o da 1ª Vara, Soriano Filho, que encerrou insigne carreira como ministro do Supremo Tribunal Federal, tinha bigode e uma barbinha curta e em bico; o da 2ª Vara, dr. Pinto de Toledo, tinha os belos bigodes que guardou até o fim da vida.

Mas no foro havia uma figura respeitável, mestre consumado, advogado de cerne, sobranceiro às dissensões políticas e a ciúmadadas de classe, que todos acatavam profundamente, o dr. Antônio Carlos de Moraes Salles, vulto oracular, que tinha tanto de austero, proibido e sábio, quanto de generoso e acessível. E tinha também barbas que já eram grisalhas, completando os espessos bigodes, em contraste com a ampla careca. Amálio

da Silva que era jovem, fazia boa contraposição às barbas venerandas do dr. Moraes assim como às do 1º tabelião Antônio Duarte Pimentel, que as ostentava longas e brancas, estilo imperial de voluntário da guerra do Paraguai.

o o o o o o o o o o o o o o

Os embates na tribuna do júri, tinham sido de boa demonstração para os dotes de oratória um tanto atropelada de Amálio da Silva, que passou a reforçar o grupo dos mestres daquela tribuna que eram José Lobo, Alberto Sarmiento, Bierrenbach, Álvaro Miller, Antônio A. da Costa Carvalho, Paulo Florence e Lúcio Peixoto, sem contar um rábula de valor que era Pedro de Magalhães e os novos, já bem emplumados, Paulo Lobo, Filipe Gonçalves, Raul Soares e Antônio Rodrigues de Melo. A Promotoria Pública tinha vindo de Joaquim Gomes Pinto para Heitor Penteado, com uma ocupação transitória do vibrante Paulo Florence.

Certa vez, no cartorio do 1º Ofício do venerando Pimentel, realizava-se uma inquirição em que os litigantes eram assistidos, de um lado por Amálio da Silva, do outro por Paulo Lobo. Estavam ambos de pé atrás, consequência de uma recente polêmica dos dois jornais. Costumava-se fazer a inquirição em cartório, sem presença do juiz, ficando este em casa e acudindo quando chamado pelo escrivão, para resolver dúvidas e impugnações. Aliás, os juizes residiam perto e bastava atravessar a praça Bento Quirino para pedir-lhes a decisão.

Amálio e Paulo empenharam-se em debate por causa de redação e pontuação. Amálio ditava o depoimento e Paulo

aparteou - "...virgula". - "Aqui não há virgula", respondeu Amálio. "- Sem virgula e com esse período intercalado a frase fica ambígua, e não reproduz o que disse a testemunha, obtemperou Paulo". Fica, não fica, exaltaram-se ambos e levantaram-se das cadeiras para fazerem e debate cara a cara. O conspícuo Pimentel só teve tempo de recuar da mesa. Amálio ergueu a voz e disse qualquer coisa que saiu um tanto confusale Paulo, que era ferino, berrou: - "Fale, mas não cuspa..!" E cobriu o rosto contra alguns perdigotos que jorravam de Amálio através das barbas.

A essa invectiva, Amálio investiu sobre o "ex adverso" e atirou-lhe um sôco, que atingiu Paulo na testa. Paulo desferiu-lhe outro, que atingiu Amálio no pescoço. Foi um susto para a testemunha e um reboliço no cartório, acudindo os escreventes e pessoas que por ali passavam, entre elas advogados vizinhos para apartar os contendores. Chamado o juiz, aquietaram-se todos e o período foi redigido por uma nova forma - que não contentou a nenhum deles...

(Isso é coisa que sempre acontece - e os velhos lidadores forenses conhecem o fato de ciência própria).

No dia seguinte os jornais referiram, cada um à sua feição, o incidente que, "devido a expansões grosseiras de um dos causídicos - (qual deles?) poderia ter tido consequências desagradáveis, sendo uma nota desairosa para os que lidam no fóro de uma terra civilizada", etc. etc. "Mutatis mutandis" eram essas as expressões dos dois jornais adversários. Mas o fato passou e meses depois os briguentos faziam as pazes após uma sessão de júri.

Amálio, logo depois transferiu-se de Campinas para o Rio e no novo domicílio foi fazer advocacia nos pretórios e

~~AMALIO DA SILVA~~

~~(cont.)~~

~~- fls. 7 -~~

e jornalismo no "Correio da Manhã". Rodaram os anos, recompu-
seram-se e desfizeram-se os blocos, com a mudança de alguns
e a morte de outros, e essas impressões, desentendimentos e
antipatias foram sendo sepultadas no olvido como tanta coi-
sa mais importante.

Em 1935 ou 36, estando eu no Rio, no "hall"
do Palace Hotel, onde era mais facil fazer negócios e ajus-
tar encontros do que em São Paulo, cruzei em caminho com um
velho já todo branco de cabelos e barbas, mas de andar fir-
me e movimentos desembaraçados e lesto. Alguem da roda me
deu o nome do ancião, que era o dr. Amálio da Silva. E ele
se aproximou para atender ao chamado dessa pessoa que não
me lembro mais quem era. Ao ser-lhe apresentado, expandiu-
se em recordações joviais e travamos conversa bastante viva,
sobre Campinas da sua época, quando eu era aluno do Ginásio.

Desembarçamo-nos de outros interlocutores e fi-
camos a um canto empenhados naquelas evocações em que fomos
exumando pessoas e fatos, ele a desvendar-me coisas do grupo
do "Comércio", eu a completar informações sobre o que sabia
de coisas e pessoas. De permeio indagou, com solicitude:

- " Que é feito do Paulo Lobo?

Contei-lhe que o Paulo era falecido e ele ex-
pandiu-se em referências carinhosas ao adversário de trinta
anos antes. - " Como tinha talento aquele diabo! E como era
contudente nas polemicas ! Afinal, se eu procurar acertar
com o motivo exato daquele pugilato no cartório fico em du-
vida se seria uma vírgula ou pronome, ou éco de artigos e
polêmicas sobre as questões dos açougueiros ou da localiza-
ção da Escola Complementar..." E com um largo gesto - "tudo

AMALIO DA SILVA

(cont.)

- fls. 8 -

bobagens..."

Não o encontrei nunca mais. E agora, ao ler o numero comemorativo do grande jornal e as biografias resumidas das suas figuras de redação e administração, recordo aquele barbudo de aparência inóspita e que, naquele encontro do hotel, quando já caminhava nos setenta e tantos anos, se revelou tão afável, tão generoso e tão isento de paixões e malquerenças.

São Paulo, 17-VI-1951

o o o o o o o o o o o o o o o